

## ALDO ROSSI E REM KOOLHAAS: RUPTURAS E CONTINUIDADES DISCURSIVAS<sup>1</sup>

Sandra Catharinne Pantaleão<sup>2</sup> (pantascp@gmail.com)

### Resumo:

O presente trabalho evidencia a crítica à urbanística modernista nas falas de Aldo Rossi e Rem Koolhaas. Os pressupostos que embasaram o discurso modernista acerca da cidade ideal foram, ao longo das décadas subseqüentes à 2ª Guerra Mundial, colocados à prova. Uma crise disciplinar emergiu e o debate sobre a cidade e suas transformações passaram a ser tema recorrente de diferentes campos disciplinares dos estudos urbanos. Aldo Rossi estabeleceu uma crítica ao funcionalismo urbano em “Arquitetura da Cidade” (1966) e objetivava dotar a arquitetura e o urbanismo de cientificidade por meio da linguística e do estruturalismo – paradigmas que abalaram as convicções iluministas. Seu discurso contribuiu para uma prática da leitura e análise do tecido urbano existente, considerando suas estruturas na longa duração histórica, em que resgatou o conceito de *tipo* de Quatremère de Quincy. Reconhecer as permanências permitiria identificar o vocabulário do fazer arquitetônico, enaltecendo-se as partes constituintes de uma memória coletiva. Essa postura de Rossi desencadeou uma onda preservacionista e de forte apelo à história, à memória e à identidade em oposição ao consumismo e à perda de importantes áreas históricas na reconstrução do pós II guerra. Por outro lado, face à Crise do Petróleo (1973) e à estagnação econômica, Rem Koolhaas indica outras possibilidades de análise e leitura das cidades, pelo viés das modernizações que sofreram. Ao contrário de Aldo Rossi, que se concentra na análise dos tecidos urbanos históricos em território europeu, Koolhaas vislumbra a apoteose da cidade moderna nos Estados Unidos. Em *Delirious New York* (1978), Nova Iorque é apresentada como a manifestação da cidade moderna, com seus típicos arranha-céus e parafernálias tecnológicas. Mais do que compreender a estrutura formal, analisa as condições sócio-tecnológicas e econômicas que alteram a morfologia urbana, culminando numa *cultura da congestão*. Em sua análise, evidencia a importância da prática e a recusa às teorias prescritivas e posturas ortodoxas. O factível é mais interessante à medida que permite perceber os fenômenos que incitam as transformações, muitas vezes, vinculadas às modernizações ou processos de reestruturação urbanos.

**Palavras-chave:** Aldo Rossi; memória coletiva; Rem Koolhaas; cultura da congestão; cidade contemporânea.

---

<sup>1</sup> Este artigo apresenta alguns pressupostos da tese de Doutorado em Arquitetura e Urbanismo *Condição urbana contemporânea em Rem Koolhaas*, sob orientação da Professora Doutora Elane Ribeiro Peixoto, do Programa de Pós-Graduação da FAU/UnB.

<sup>2</sup> Arquiteta e Urbanista. Mestre em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina; Professora no curso de Arquitetura e Urbanismo da PUC-GO e da Universidade Estadual de Goiás. Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo pela FAU/UnB.

## 1. INTRODUÇÃO

As críticas à cidade modernista iniciaram-se nos últimos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (CIAM's), reforçando posturas antagônicas ou de revisão ao ideário modernista, notadamente o questionamento quanto ao papel da arquitetura e do urbanismo na conformação de uma nova sociedade (MUMFORD, 2002). A partir daí diversos discursos se dissiparam, notadamente a partir do VIII CIAM que tratou do *core* das cidades. A repulsa às mudanças aceleradas das cidades evidenciavam a necessidade de intervenções que mantivessem a identidade, a história e a cultura como pressupostos da prática arquitetônica e urbanística. Significava valorizar a dimensão cívica da cidade e garantir espaços democráticos próximos ao ideário de “polis”.

O VIII CIAM (1951) buscou discutir o significado do *core* (o núcleo dotado de significados e que expressa fisicamente o senso de comunidade em oposição à visão científica defendida nos quatro primeiros congressos). A discussão desse encontro e legitimou as divergentes posturas dos arquitetos participantes dos CIAM's, divergentes das pretensões de Le Corbusier. Com isso, tem-se, a partir de 1951 uma crise disciplinar culminado na dissolução do CIAM em 1956 e a consolidação da formação discursiva do historicismo (figuras xx e xx).

Pode-se dizer que o tema proposto neste CIAM indicava o desafio dos arquitetos em lidar com a reconstrução das cidades destruídas pela guerra e, ao mesmo tempo, o reconhecimento do crescimento das cidades e sua expansão territorial. As ordens ou regulações pretendidas no período anterior pareciam insuficientes para sanar os problemas da cidade real. Aparece como enunciado a escala ou as diversas camadas de relações existentes na configuração espacial das cidades, que deveriam ser consideradas para o planejamento urbano. Num dos encontros de redirecionamento dos CIAM's, Tyrwhitt confia a Le Corbusier a necessidade de repensar o significado de cidade e se não seria mais adequado o uso do termo “habitat” ao invés de urbanismo. Considerar a dimensão humana e as relações psicológicas reorientaram as temáticas dos dois encontros seguintes, em que se destacou a atuação de jovens arquitetos. Houve um deslocamento dos problemas da habitação em si para a compreensão do *habitat*.

É a partir das divergências dos membros do CIAM que a crise disciplinar se estabeleceu, inclusive com a rejeição do documento símbolo do modernismo: a Carta de Atenas com a proposição da Carta do Habitar no IX CIAM. Desde o início dos anos 1950, os arquitetos mais jovens interessam-se pelas áreas suburbanas, pelo cotidiano das pessoas e mais pelas publicações de Collin Rowe do que pelo pensamento de Le Corbusier.

O X CIAM, já sob a liderança do TEAM X, evidenciou a divergência de posturas em que os preceitos estabelecidos nos encontros anteriores à II Guerra foram rejeitados pelas novas gerações. Ao contrário das pretensões da primeira geração de arquitetos modernos, o

TEAM X abriu possibilidades para a diversidade de discursos na arquitetura e urbanismo. Ficou evidente que a cidade não é suscetível a uma padronização universal, mas um constructo sujeito a uma gama de condições que operam em diferentes níveis de relações. Desde as abordagens de cunho mais psicológico até às análises morfológicas possibilitaram posturas distintas que coexistiram e orientaram a reformulação discursiva entre 1950 e 1970 tendo como regularidade a rejeição ao dogmatismo do Movimento Moderno e a interlocução da arquitetura e urbanismo com outros campos de saber.

Para Mallgrave e Goodman (2011), duas grandes ideias orientaram a arquitetura e urbanismo até meados dos anos 1960. A primeira delas referia-se à melhoria das condições de vida a partir da concepção de um ambiente universal ordenado pelos arquitetos e urbanistas; a segunda, a crença de que as melhorias seriam conquistadas por meio dos avanços tecnológicos. No entanto, a latente discussão dos CIAM's na década de 1950 já propunham uma reorientação dessa postura que Solá-Morales (1999) denominou por paradigma psicológico-tecnológico a favor de uma postura menos ortodoxa.

## **2. DESAFIOS AOS ESTUDOS URBANOS: TRANSFORMAÇÃO DA FORMA URBANA**

O contexto dos anos 1960 apresentava o limiar entre preservar e destruir. Uma relação dialética entre o antigo e o novo se estabeleceu, tornando-se um dos principais pontos a ser enfrentados pelos arquitetos e urbanistas. Olhar para o passado e resgatar a tradição ou direcionar para o futuro, em busca das modernizações? Esse embate de ideias foi posto à prova devido ao espraiamento urbano e a dilatação da escala da cidade. O tamanho das cidades e sua expansão territorial evidenciavam as mudanças ou rupturas aos tecidos tradicionais que por muitos séculos demarcaram a forma urbana principalmente das cidades europeias.

A dialética entre tradição e novo percorre as formações discursivas sobre a cidade e se exaltam nos anos 1960/70, quando a cidade moderna é analisada e confrontada à cidade tradicional. É pela memória histórica e pela afirmação de uma identidade cultural que se esboçam os discursos de revisão e crítica ao Movimento Moderno, em que a tradição aparece como recurso científico para analisar a cidade por Aldo Rossi, por exemplo. Numa outra perspectiva, o confronto proposto por Robert Venturi, acerca da cidade norte-americana e seu distanciamento da tradição europeia evidencia o descentramento europeu, reconhecendo-se outras configurações urbanas. A partir desses dois autores, pode-se dizer que, em *Delirious New York*, Rem Koolhaas redimensiona as práticas disciplinares e retoma, em certa medida, os papéis de arqueólogo e de viajante humanista: descreve Nova Iorque pelos vestígios dos

cartões postais e, ao mesmo tempo, vivencia o espaço edificado, numa espécie de coleta de dados *in loco*, durante três anos, revelando em seu texto também as práticas sociais da cidade moderna. Distancia, desse modo, das teorias prescritivas e exime-se de delimitar o que deve ser a cidade do futuro: ao contrário, Rem Koolhaas atém-se em compreender as condições que conformam a própria forma urbana.

Se por um lado, pode-se dizer que Aldo Rossi apoiou-se no paradigma estruturalista e nos aspectos linguísticos para devolver à arquitetura seus significados numa longa duração histórica, Rem Koolhaas (1978) considera um caminho sem volta a perda da história e da identidade à medida que a cidade reflete processos de reestruturação urbana desencadeados pelas mudanças econômicas e socioculturais das últimas décadas. Notadamente considera o consumo de massa como ponto de clivagem entre tradição e novo, em que cada vez mais, torna a arquitetura mercadoria a ser consumida e descartada.

Nos últimos anos, a cidade contemporânea despertou interesse de teóricos e críticos dos mais diversos campos disciplinares, sejam arquitetos e urbanistas, geógrafos, economistas ou sociólogos. Interesse despertado pelas ondas de transformação desde a urbanização do século XIX e sucessivas mudanças em sua dinâmica desde meados dos anos 1960. Um contexto no qual se observa a aproximação das disciplinas que transitam pelos estudos urbanos ao analisar os fenômenos recorrentes das cidades contemporâneas, em que se destacam alterações na produção e estruturação de cidades novas ou na reapropriação de antigas áreas fabris ou industriais.

Esse período de grandes transformações econômicas, políticas, sociais e culturais reverberam em espaços dispersos e fragmentados, com diversos núcleos de polarização de atividades, conformando um sistema complexo de relações em que a superfície urbanizada do planeta se intensifica. Um fenômeno complexo que pode ser definido por diversas áreas de conhecimento: envolve questões desde morfologia, território, paisagem, lugar, historicidade, cultura, cotidiano e imaginário, entre outros, mas que se interconectam. Cada vez mais os estudos urbanos têm considerado os diálogos interdisciplinares como pressuposto à análise dos elementos que envolvem suas reflexões, emergindo uma série de discursos que visam revisitar e ampliar a agenda de pesquisa e verificar o estado da arte sobre a cidade.

São discussões que se multiplicaram a partir dos anos 1950. Um período caracterizado pelo questionamento por diversas áreas do conhecimento, das premissas do urbanismo modernista, sintetizadas por Le Corbusier na Carta de Atena<sup>3</sup> ou ainda que passaram a considerar também os fenômenos não planejados que interferem na organização espacial da cidade, em especial, o crescimento de áreas suburbanas e, em consequência, processos de metropolização de grandes centros urbanos. Outro ponto são as sucessivas

---

<sup>3</sup> Apesar de ter sido elaborada em 1933, a Carta de Atenas foi publicada em 1943 (MUMFORD, 2002)

intervenções urbanas que visam salvaguardar a cultura, a memória e a identidade local. Ao mesmo tempo, observam-se diversos acontecimentos, notadamente as mudanças técnico-informacionais que modificaram a configuração do planeta como um todo, traduzida pelo aparecimento de um *continuum espacial*.

O processo de sedimentação histórica, sobre o qual se erigiram as cidades ocidentais, foi fortemente abalado com o crescimento exponencial da vida urbana decorrente de processos migratórios bem como a fundação de cidades novas e remodelação de partes periféricas de cidades com o protótipo de habitação social. A dilatação do tecido urbano culminou numa outra espécie de aglomeração urbana e imputou aos estudos urbanos uma reflexão: as metrópoles. Esta nova forma de aglomeração urbana demanda estudos e reflexões que possam explicá-la e muitos são os pesquisadores que se dedicam a essa tarefa.

Saskia Sassen (1991), David Harvey (1992), Milton Santos (1996), Rem Koolhaas (1995), Manuel Castells (1999), Francesc Muñoz (2008), entre outros fornecem importantes reflexões acerca dos ambientes construídos, ressaltando aspectos da globalização como fatores incisivos na reconfiguração e transformação das metrópoles. Isso porque, ao sofrerem processos de desindustrialização e desregulamentação financeira há a necessidade de novos padrões econômicos e relações de dependência que também perpassam conexões cibernéticas em escala planetária.

No bojo da pluralidade de discursos reformuladores, ora exaltando a tecnologia, ora enfatizando o caráter cultural e histórico do ambiente construído, o campo disciplinar da arquitetura e urbanismo assistiu à proliferação publicações cujo enunciado reporta-se à cidade, num embate entre posturas nostálgicas, irônicas, proféticas que se aproximam de referências à cidade tradicional ou à cidade do futuro.

Em sua maioria, os discursos estavam orientados por proposições de outros campos de saber, tais como a linguística e o estruturalismo e, ainda que tivessem propósitos distintos, permitiram uma análise da configuração urbana, dos fenômenos e dos processos intrínsecos às dinâmicas das cidades – uma tentativa de apreender o real como elemento de leitura e análise. Desse modo, mais que a forma da cidade, colocava-se em debate seu conteúdo. Interessava aos discursos a dimensão sociocultural, política e econômica: fenômenos indispensáveis para a compreensão da tessitura metropolitana.

A compreensão das mudanças recorrentes nas cidades nos últimos quarenta anos apontam a necessidade de revisão dos discursos dos estudos urbanos.

Soja (2000) aponta os discursos dos estudos urbanos que se desenvolveram a partir da crise urbana dos anos 1960 e que reivindicam novos pressupostos para compreender a cidade contemporânea, em que se ampliam as questões em busca de compreender as diferentes configurações urbanas num contexto de revolução técnico-informacional, de

globalização e consumo em massa. A partir dessas considerações Soja (2000) apresenta seis discursos (quadro 1) orientados por temas específicos: os dois primeiros correspondem às ideias sobre a formação de uma nova e flexível economia pós-fordista; o terceiro trata da forma urbana, destacando-se suas transformações; o quarto retrata as diferenças sociais e a formação de espaços segregados; o quinto discorre sobre a inserção de tecnologias no controle do espaço público e, por fim, o último discurso reporta-se à formação de imagens midiáticas provocando mudanças nas relações simbólicas das cidades.

**Quadro 1: Seis Discursos sobre a pós-Metrópole**

| Discursos  | Características gerais   |
|--|--|
| <b>The Postfordist Industrial Metropolis</b>                             | Concentra-se em apontar a divisão territorial do trabalho e a organização espacial da produção flexível.   |
| <b><i>Cosmomopolis: the globalization of cityspace</i></b>               | Trata da globalização e dos debates de cidades mundiais  |
| <b>Exopolis: The Restructuring of Urban Form</b>                         | Aborda a morfologia das cidades.   |
| <b>Fractal City: Metropoliarities and the Restructured Social Mosaic</b> | Apresenta a extrema diferença étnica e social da cidade. Exalta a fragmentação do espaço urbano; a segregação social e espacial                      |
| <b>The Carceral Archipelago: Governing Space in the Postmetropolis</b>   | Discorre sobre os processos de controle e seleção de espaços públicos vigiados a partir das inovações tecnológicas de segurança.                     |
| <b>SimCities: Restructuring the Urbans Imaginary</b>                     | Refere-se ao crescente papel que os símbolos e as imagens midiáticas como mecanismos de gestão urbana ou como importante elemento da cultura urbana. |

Fonte: Elaborado pela autora , 2013.

De modo geral, em *The Postfordist Industrial Metropolis* e *Cosmomopolis: the globalization of cityspace* enfatiza as relações socioeconômicas de produção do espaço urbano. No primeiro caso, evidencia a flexibilidade econômica que em novos arranjos espaciais e, no segundo, os impactos da intensa globalização que também carrega consigo uma economia cultural mundial, questões abordadas por Castells (1989) e Sassen (1991; 1994; 1996) quanto à sociedade de informação e a constituição de regiões especializadas.

*Exopolis: The Restructuring of Urban Form* indica as formas espaciais das aglomerações contemporâneas; descreve uma morfologia urbana mutante, considerando tanto aquilo que estava anteriormente fora da cidade – as áreas periféricas, quanto a ideia de uma forma urbana distinta, fruto de reestruturação e recentralização. Mais tarde, Soja (2011) denominou-a como urbanização regional multiescalar e policêntrica.

*Fractal City: Metropoliarities and the Restructured Social Mosaic* abarca a dimensão sociológica dos estudos urbanos e apresenta as dinâmicas do trabalho e a constituição de grupos sociais específicos. A luta por espaços na cidade é uma das questões apresentadas ressaltando a luta das minorias, reforçando as ideias de diferença e heterogeneidade como características da condição urbana contemporânea. As relações de imigrantes e população

nativa também são abordadas, verificando-se as relações políticas e espaciais operantes na produção do espaço.

*The Carceral Archipelago: Governing Space in the Postmetropolis* e *SimCities: Restructuring the Urbans Imaginary* correspondem a tipos de controle e inserção tecnológica na produção do espaço urbano. *Carceral Archipelago* refere-se às relações de segurança à medida que se configuram espaços cerrados e controlados em que há o predomínio da esfera privada sobre a pública.

O último discurso, em complementação a este, traz à tona as alterações imputadas pela revolução técnico-informacional. O espaço real e o imaginado se fundem em processos de simulações virtuais e indicam as questões abordadas por Braudillard (1983) acerca do simulacro. É nesse discurso que Soja retoma as questões discutidas por Chambers (1986;1990), elucidando a importância dos estudos culturais críticos para apreender as transformações em curso.

Observa-se, a partir de Soja (2000), que além de temas como infraestrutura, escala e crescimento demográfico e populacional, os estudos urbanos têm se dedicado à outras questões como, por exemplo, a consciência da cidade em partes, ou seja, a inserção de diversas dinâmicas em um único território bem como as lutas e resistências de grupos sociais específicos. Considera as grandes intervenções urbanas geridas por parcerias público-privadas que evocam novas relações econômicas e culturais: estratégias de reinserção de centros históricos e também de áreas obsoletas, como antigas áreas fabris e portuárias num circuito turístico de alcance global.

O reconhecimento desta conjuntura sociocultural permite estabelecer a dialógica entre os inúmeros discursos, pois por meio da circulação de enunciados críticos ao Movimento Moderno, houve a degeneração da sua primazia e redução de seus questionamentos ao mero funcionalismo. Com isso, o panorama do II Pós Guerra oferece às ciências humanas e sociais aplicadas um arsenal de textos críticos abalando as convicções iluministas de verdade absoluta e determinismo histórico. Estas posturas apresentavam-se mais inclinadas à percepção do real do que uma preocupação em elaborar modelos utópicos; ao contrário, aos discursos dos anos 1960, interessava compreender a cidade enquanto organismo vivo: objeto que se constrói ao longo do tempo, sujeito a modificações ante aos fenômenos sociais, culturais, econômicos, políticos e, mais tarde, ambientais, com a crise tecnológica do final dos anos 1970.

Ao longo dos anos 1980, houve uma mudança quanto ao enfoque do planejamento urbano. As cidades, mergulhadas em sérios problemas de ordem social e áreas obsoletas, precisavam se reinventar ou se renovar para impulsionar o crescimento via dinâmica econômica. Segundo Vázquez (2004), posturas com tendências a um planejamento voltado para a realidade urbana – conflitante e mutável, com ações e estratégias de menor prazo,

abandonando-se, em certa medida as influências marxistas nas teorias urbanas, como fora o caso do grupo Tendenza. Houve, dessa maneira, interesses comuns entre os setores públicos e privados, resultando em intervenções nos centros históricos e áreas periféricas com novas especialidades urbanas: imagens mediáticas.

Pensar, portanto, na cidade contemporânea e sua espacialidade é refletir de que maneira os fenômenos urbanos deflagram outros conceitos e representações. Este trabalho, portanto, aborda, em específico, dois teóricos de destaque no campo da arquitetura e urbanismo, verificando-se a interlocução do discurso de Aldo Rossi (1966) e Rem Koolhaas (1978) à medida que estes dois teóricos lançaram novos olhares sobre a cidade construída e em vias de transformação.

### **3. O LIMIAR ENTRE PRESERVAR E DESTRUIR: NOVOS DISCURSOS EM ARQUITETURA E URBANISMO**

As transformações das últimas décadas demonstram que a revolução informacional interferiu na organização das cidades, devido ao impacto dos sistemas de fluxos e redes, quanto à infraestrutura bem como as ideias de caos e fragmento. Ademais, a partir dos anos 1970, as ações preservacionistas emergiram como estratégia para a reinserção de centros históricos e de áreas obsoletas, como antigas zonas fabris e portuárias no circuito mundial. Nesse contexto, houve, sem dúvida, uma transformação na fisionomia urbana em que se verificam imagens fragmentadas, conformando-se palimpsestos.

São paisagens pulsadas pelas mudanças sócio-tecnológicas somadas às ações da indústria cultural, especialmente vinculadas ao turismo, que demandam novos desdobramentos de ocupação territorial, na qual a arquitetura tem construído imagens distintas de épocas precedentes, numa tentativa de unificar presente, passado e futuro entremeando fluxos informacionais e atividades altamente especializadas.

Para o desenvolvimento, foram analisados os discursos dos livros *Arquitetura da cidade* (ROSSI, 1966) e *Nova Iorque Delirante* (KOOLHAAS, 1978) em que se destaca a interpretação destes dois autores quanto à morfologia das cidades e à caracterização do *tipo* como estrutura urbana. Por um lado, os aspectos cívicos são ressaltados por Rossi enquanto que Koolhaas preocupa-se em apresentar os elementos característicos das modernizações. Por um lado, há a leitura da forma urbana tradicional e sedimentada na Europa; de outro, a propagação da urbanização nos Estados Unidos, em que as relações de tradição, memória e identidade são menos frequentes e, portanto, permite a aplicação da destruição criativa e, ainda, a incorporação dos ideários modernistas. Evidenciar as posturas destes autores mediante às condições socio-históricas e ideológicas também foi um dos pontos de partida para avaliar os discursos desses autores.

Aldo Rossi destaca-se como referência estruturalista ao propor métodos de análise, leitura e interpretação da cidade fundamentados na crítica tipológica. Apresenta a possibilidade do pensamento analógico da memória, proposto por Carl J. Jung e com fortes influências de Maurice Halbwachs. É possível perceber a influência em Aldo Rossi, ao considerar as estruturas urbanas na longa duração histórica e revelar os arquétipos da cidade, ou melhor, as estruturas elementares mais ou menos vagas do *habitat* humano, definindo-se o vocabulário das formas urbanas: aquelas que permanecem na longa duração histórica.

A artificialidade e a verticalização das cidades já haviam sido abordadas por Koolhaas em *Delirious New York* (1978) quando ele demonstra o fascínio pelos arranha-céus – estes como símbolo midiático da ideia de progresso e modernidade para a configuração do *continuum espacial* de atividades altamente especializadas recorrente nos últimos 30 anos. A partir dessa proposição sobre as mudanças substanciais das cidades, seu olhar se desloca do centro para as periferias, onde a constituição da metrópole ocorre de forma muito mais aleatória e livre da rigidez do planejamento urbano. *Delirious New York* (1978) pode ser considerado o pontapé inicial de suas especulações conceituais acerca das transformações da cidade, buscando elucidar o cotidiano: de caos e desordem que vivem em constante mudanças, fruto da própria dinâmica socioeconômica do espaço urbano.

Ao confrontar as ideias de Rossi e Koolhaas, pode-se identificar certas regularidades discursivas que possibilitam avaliar o campo disciplinar da arquitetura e urbanismo por meio dos discursos que oferecem para interpretação e compreender o ambiente construído. Significa identificar de que modo história, identidade e memória são enunciações presentes em ambos discursos, assim como a ideia de *tipo*.

#### **4. DAS FISSURAS DOS CIAM'S AO DISCURSO ESTRUTURALISTA DE ALDO ROSSI**

Do mesmo modo, ainda em referência ao debate da arquitetura modernista nos CIAM's, pode-se dizer que a reestruturação interna da entidade promoveu a difusão de diferentes modos de problematização da cidade para além dos funcionalistas. As primeiras reorientações dadas pelos arquitetos mais jovens vinculam-se ao pensamento fenomenológico e existencialista. Destaca-se a atuação do grupo holandês, liderado por Aldo Van Eyck, que defendia uma avaliação dos impactos das condições contemporâneas na expressão arquitetônica e se opunha a visão racionalista e mecanicista predominante.

O sétimo encontro, realizado em 1949, evidenciou as divergências internas e foi respaldado por temas distintos: “A carta de Atenas em prática” e a “sínteses das Artes Maiores” (MUMFORD, 2002, p. 180), sendo a primeira uma referência à prática urbanística e a segunda reportava-se aos aspectos estéticos da arquitetura e do urbanismo. Podem-se identificar aí

indicativos de uma crise disciplinar e a busca por sua delimitação ou legitimação científica tal qual ocorria com as demais ciências sociais e humanas. A aplicação prática da Carta de Atenas resultou numa grade organizada esquematicamente que visava definir hierarquias para as atividades de grupos humanos separando-se a cidade por zonas funcionais. O grupo holandês, sob a liderança de Aldo Van Eyck, por sua vez, indicava a necessidade de criar zonas intermediárias nas quais o contato entre as diferentes zonas pudessem ocorrer, visualizando uma interrelação entre as partes. No entanto, as contribuições desse grupo não foram listadas no relatório final, prevalecendo a posição de Le Corbusier.

Foi, no 8º CIAM (1951), que se deflagraram discursos heterogêneos no âmago do encontro. As discussões acerca do coração da cidade permitiram a manifestação de diferentes posturas diante dos problemas urbanos, incorporando-se a problemática da *comunidade*. Le Corbusier e Sert interpretaram o núcleo da cidade, o *core*, como um centro cívico aos moldes da ágora grega associado à área administrativa da cidade, enfatizando-se o papel desses espaços para as cidades modernas. No entanto, os arquitetos mais jovens, como Aldo van Eyck, Jacob Bakema e o grupo inglês MARS tiveram outras interpretações: Van Eyck discutia os espaços públicos, visando muito mais as relações sociais e a morfologia da cidade tradicional; Bakema propunha reflexões sobre a responsabilidade social à medida que os espaços interferiam nas relações humanas e, por fim, o grupo inglês também buscava valorizar o sentido de comunidade em contraponto ao funcionalismo e mecanicismo da cidade moderna. Barone (2002) afirma que este CIAM possibilitou resgatar as proposições de Camillo Sitte quando à produção histórica de espaços públicos, indicando mudanças discursivas no debate da arquitetura moderna.

Os dois últimos CIAM's marcaram a atuação do TEAM X, alicerçando conceitos que vinculassem convívio social e sentido de comunidade ao desenho urbano numa crítica ao funcionalismo e ao dogmatismo anteriormente formulados, sendo o tema central o *Habitat*, culminando na revisão da Carta de Atenas com a publicação do Manifesto de Doorn (1954).

Pode-se considerar que o existencialismo e a fenomenologia desencaderam as fissuras iniciais do projeto moderno, à medida que se buscava imprimir à cidade moderna o humanismo e a experiência social como elementos primordiais ao seu desenho, valorizando-se aspectos também culturais. No entanto, o que se assistiu, nesse período, foi o esgarçamento da cidade e a perda dessas relações assim como a segregação sócio-espacial e a predileção por soluções universais.

Os pressupostos defendidos pelos integrantes do TEAM X, especialmente o grupo holandês, colocam em voga o relativismo cultural e a análise da cidade considerando sua dimensão social, corroborando para as fissuras do projeto funcionalista, universal e padronizado e uma aproximação ao pensamento existencialista e o pensamento estruturalista-

antropológico. Essa aproximação, no entanto, como observa Arantes (1995) é incompatível com as próprias premissas do estruturalismo que visava, antes de tudo, uma ruptura com a linearidade histórica.

Paralelamente à atuação do TEAM X e seus diversos grupos e proposições à cidade ao longo dos anos 1950-60, destaca-se também a formação de outros grupos que questionavam o funcionalismo do urbanismo moderno. Um desses grupos, a Internacional Situacionista (IS), criada em 1957 por Guy-Ernest Debord, defendia uma arquitetura sem arquitetos. Para esse grupo, a arquitetura resultaria num obra coletiva de criação do ambiente urbano, como síntese das demais manifestações artísticas.

Jacques (2003) aponta que este grupo pretendia ir além das relações entre arte e vida ao considerar a vida cotidiana em suas publicações. Ao contrário dos componentes do TEAM X que buscavam resolver as questões internas da arquitetura, principalmente, pela substituição e/ou renovação das propostas formais modernistas, esta outra vertente de pensamento, destacava-se para uma posição política anárquica e revolucionária, ativa e determinante para os eventos de maio de 1968, em Paris. Jacques (2003) evidencia que, inicialmente, a proposta da IS era uma arte ligada à vida em sua totalidade que só poderia ser alcançada numa relação direta com a cidade e com a vida urbana. Eles propunham um reconhecimento da cidade existente por meio da psicogeografia e da deriva: a partir da observação das situações existentes, poderiam propor hipóteses sobre a estrutura de uma cidade por meio da “construção de situações”. Esta, por sua vez, se caracterizaria por um “[...] momento da vida concreta e deliberadamente construído pela organização de uma ambiência unitária e de um jogo de acontecimentos” (JACQUES, 2003). Buscam-se jogos e práticas experimentais e, ao mesmo tempo, à medida que a deriva se concretizava, era possível perceber a fragmentação do espaço urbano e as transformações que a vida moderna imputava.

Em síntese, os situacionistas eram a favor da cidade compreendendo-as como construções coletivas, o que seria possível por meio de uma revolução da vida cotidiana. Acrescenta-se a essa discussão a percepção que estes intelectuais tiveram quanto às mudanças de uma sociedade de massa para uma sociedade de consumo, levando os indivíduos à alienação e passividade.

De certo modo, a visão da IS aproximava-se das reflexões de Henri Lefebvre quanto à vida cotidiana que apresentava um duplo: de um lado, a alienação e de outro, incitava a participação, e com isso, a transformação social. A postura marxista engendrou os discursos e protagonizou a crítica mais radical ao urbanismo modernista, atingindo também intelectuais norte-americanos.

Contra a repulsa alienante e a perda das relações de vizinhança, destacam-se as publicações de Jane Jacobs (1961; 1969). Ao analisar a qualidade de vida urbana das grandes cidades norte-americanas, a socióloga critica a cidade capitalista e à Carta de Atenas. Para Jacobs (1961) a vitalidade das cidades estava na mescla de funções e, também, pelas relações de vizinhanças proporcionadas pelos espaços públicos aos moldes das cidades tradicionais. Condenava a predileção que a cidade modernista tinha pelo automóvel em detrimento aos pedestres. Nesbitt (1996) reforça as posturas de Jacobs contra o planejamento institucionalizado que não conseguiu em suas ações, alcançar seus objetivos. Acrescenta também que o planejamento contribuiu para a degradação do ambiente construído e que o crescimento desordenado dos subúrbios e das áreas comerciais ao longo de eixos viários trouxeram males à cidade, principalmente do ponto de vista sociológico.

Além dessas proposições de caráter social e político, atreladas às aproximações marxistas, outros grupos de intelectuais organizaram-se. Buscavam, sobretudo, definir o *corpus* teórico da arquitetura e do urbanismo como crítica às teorias prescritivas e normativas do período modernista. As metodologias estruturalistas e semiológicas forneceram subsídios para a crítica, principalmente, na Europa, aproximando os discursos do campo do humanismo, da fenomenologia e do existencialismo, em uma defesa da linguagem arquitetônica aos moldes das estruturas e léxicos das ciências sociais.

A insatisfação quanto ao reducionismo da produção arquitetônica das décadas de 1940-60, muitas vezes, limitados à construção de conjuntos habitacionais – a arquitetura para as massas, permitiu que o estruturalismo se tornasse uma arma fundamental de ataque a dois dogmas da arquitetura moderna: o funcionalismo e o determinismo histórico (COLQUHOUN, 2004, p. 233). As discussões estruturalistas tinham referências na linguística saussuriana, a transmissão do significado do signo estaria condicionada ao sistema de relações culturais.

Desse modo, a função foi colocada como um referente externo a este sistema e, portanto, incapaz de detonar significados numa longa tradição histórica (ROSSI, 1966). Em relação ao determinismo histórico, retomando as colocações de Dosse (2007a), o estruturalismo preferia os processos sincrônicos em detrimento dos diacrônicos. A dimensão temporal era, em certa medida, suprimida em favor da espacial, anulando a ideia de progresso linear da própria história, o que para essa corrente arquitetônica permitiu a valorização do contexto sociocultural para explicitar as variações do *tipo*.

A retomada da ideia de tipo foi o enunciado principal do discurso dos neorracionalistas que buscavam evidenciar a linguagem arquitetônica, ou melhor, a estrutura das cidades por meio dos elementos ou arquétipos que constituíram um sistema coeso. O método tipológico possibilita o caráter científico da arquitetura e do urbanismo, apoiado pelo paradigma estruturalista e difundido na revista *Casabella*.

Ainda que a ênfase estivesse em dotar de cientificidade o *corpus* da disciplina, associando-se a voga do período em que as ciências sociais e humanas buscavam seu lugar, a preocupação com o papel social da arquitetura era também uma das questões fundamentais para este grupo, verificado o fracasso modernista de revolução social, política ou técnica. (COLQUHOUN, 2004, p. 237).

O caráter ideológico da arquitetura moderna foi transferido para outra vertente de resistência: a preservação e a valorização cultural em suas expressões ou manifestações concretas, vinculadas à tradição histórica contra as modernizações das cidades, principalmente pela inserção de infraestruturas em grande escala, arranha-céus e o zoneamento. Preservar e revelar os arquétipos da cidade tradicional passou a ser uma postura discursiva dos arquitetos italianos, principalmente pela voz de Aldo Rossi, líder do *Grupo Tendenza*. (Figura 1)

Figura 1: Teatro del Mondo. Aldo Rossi, 1979. Analogia da forma urbana histórica



FONTE: Revista Casabella, 1980.

É possível perceber a influência estruturalista em Aldo Rossi, ao considerar as estruturas urbanas na longa duração histórica e revelar os arquétipos da cidade, ou melhor, as estruturas elementares mais ou menos vagos do *habitat* humano, como no exemplo do Teatro del Mondo. Uma postura próxima à primeira fase do estruturalismo e estritamente ligada também às posições marxistas de Althusser. Colquhoun (2004, p. 238) lembra ainda que a postura desse grupo se distanciava das proposições de Theodor Adorno à medida que buscava na valorização da memória coletiva e do contexto sociocultural prerrogativas para o desenvolvimento das formas de atuação do arquiteto e urbanista.

Tomam-se como referenciais importantes de Aldo Rossi: conceito de tipo de *Quatrième de Quincy*; o mecanismo analógico da memória proposto por Carl J. Jung e a ideia de memória coletiva de Maurice Halbwachs. Para Aldo Rossi, as relações entre as formas e as funções não ocorriam por uma relação unívoca e causal, mas numa gama de complexas cadeias de sistemas culturais, atestando a importância dos lugares como permanência e constituição de uma identidade. Suas influências são diversas, mas elucidada com clareza a referência estruturalista ao abordar o conceito de tipologia arquitetônica, buscando

compreender a relação do edifício na trama da cidade num sistema lógico de organização espacial que emanava estruturas fixas.

Ellin (1999, p. 24) comenta que o termo *tipologia*, influenciado pelo estruturalismo científico de Lévi-Strauss, permitiu o reconhecimento de estruturas existentes nas cidades pré-industriais. O método estruturalista evidencia-se pela busca de uma arquitetura autônoma ligada a uma cultura e história transcendentais, que pode se aproximar da eliminação temporal e operar num corte sincrônico em busca de desvelar a linguagem arquitetônica.

Essa proposta de Aldo Rossi foi importante para renovação dos métodos de leitura e análise das cidades, conferindo-lhe, como reporta Vázquez (2004), uma continuidade com os discursos culturalistas (CHOAY, 1965) e foi bastante disseminada ao longo dos anos 1970 e 1980 como estratégias de intervenção, principalmente nas áreas preexistentes e tecidos urbanos consolidados.

## 5. DAS REINTERPRETAÇÕES DO TIPO POR ROBERT VENTURI E COLIN ROWE À SUA DESESTABILIZAÇÃO SEMÂNTICA

A publicação *L'architettura della città* (1966) de Aldo Rossi que visava delimitar o campo disciplinar e promover um método científico calcado pela linguística e pelo estruturalismo, tendo em vista o **tipo** como referente para compreender os processos de constituição das cidades em sua longa duração histórica. Gravita sob a paráfrase **tipo**, a relação de significante e significado, associando questões internas da disciplina às contingências socioculturais, legitimando a cidade como artefato cultural e, portanto, sucumbida aos processos históricos e dotada de memória histórica.

Lado a lado com Aldo Rossi, é possível também evidenciar as propostas de Robert Venturi, que adota o *tipo* com outras possibilidades de interpretação. Alinhado às mudanças da sociedade de massa para a de consumo, esse arquiteto buscou apreender a dinâmica das cidades norte-americanas. Há uma espécie de *reinvenção do tipo*: o pato e o galpão decorado que retratam a vida metropolitana, em que ora a forma se sobrepõe ao programa do edifício; ora a função se expressa como o sistema preponderante sobre os demais. Uma crítica fundamentada nas interpretações da vida cotidiana, distanciando-se do resgate da memória coletiva proposto por Aldo Rossi.

Antes de trabalhar o espaço urbano em *Learning from Las Vegas* (1972), Venturi elaborou um manifesto contra a linguagem reducionista da arquitetura moderna, expresso em *Complexidade e Contradição em arquitetura* (1966), ressaltando o poder comunicativo da arquitetura enquanto linguagem. As impressões de Robert Venturi indicam uma inclinação ao pensamento liberal e menos ao compromisso social da arquitetura e do urbanismo, em que a experiência e percepção sensorial seriam importantes fontes para despertar a consciência.

Outras duas influências são destacadas por Montaner (2007): a ideia de tradição de T. S. Eliot e do contexto social apresentado pelo sociólogo August Heckscher. Essas referências permitiram que Robert Venturi desenvolvesse suas proposições de caráter ambíguo, contraditório e complexo da arquitetura, tendo em vista sua inserção sociocultural. E, em específico, ressalta a *pop art* dos Estados Unidos para referenciar o gosto americano. Outro aspecto, ressaltado por Montaner (2007, p. 101) é a importância de Denise Scott Brown que lhe permitiu adotar uma arquitetura da experiência – influências do planejamento social e urbano da Escola da Pensilvânia e do ativismo social, em referência às características do ensino da AA, aonde ela foi estudante.

Os traços da influência estruturalista em Venturi é menos evidente do que aquelas encontradas em Rossi, mesmo porque a realidade vivida era outra: a condição de urbanização nos Estados Unidos. Suas proposições contribuem para um refluxo das premissas estruturalistas e científicas pretendidas pelo Grupo Tendenzia e oferece à arquitetura um manifesto em prol de uma arquitetura como produto cultural. O repúdio à Venturi, de certo modo, ocorre por sua libertação do papel social e transformador da arquitetura e aponta para uma tendência intelectual dos anos 1970 de descrença da emancipação humana e o caráter alienante da cultura de consumo de massas. Isso leva a inseri-lo como ponto de clivagem das teorias revisionistas dos anos 1960 com a possibilidade de codificar a arquitetura do ponto de vista semântico: o significado estaria condicionado ao referente e não a ordem interna dos sistemas de linguagem, permitindo o reconhecimento dos elementos formais e a constituição simbólica, notadamente nas proposição do tipo por dois mecanismos semânticos: *o pato e o galpão decorado* (figuras 2 e 3).

Figura 2: Pato. A forma revela o conteúdo – detém o significante e significado do edifício.

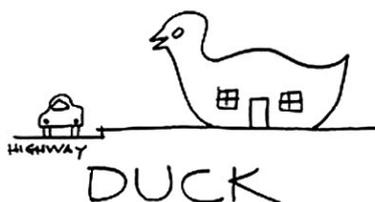


Figura 3: Galpão decorado. O significante está no conteúdo e o significado nos elementos comunicativos ou da fachada ou de totens.



Fonte: Aprendendo com Las Vegas, 1972.

Alinha-se a esse discurso semiológico, o discurso de Charles Jencks (1973; 1977). Esse autor discute acerca das manifestações arquitetônicas buscando identificar sua linguagem. Seu livro *The Language of Post-Modern Architecture* fundamenta-se em diferenciar a arquitetura por meio de símbolos e significados, reforçando a eloquência defendida por Robert Venturi ao apresentar os arquitetos norte-americanos como Charles Moore e Michel Graves e o apelo iconográfico de suas edificações. Em certa medida, pode-se dizer que Jencks

legítima a complexidade e contradição de Venturi ao ressaltar o poder comunicativo da arquitetura.

Outros livros também foram importantes, para esta primeira fase de reação crítica aos dogmas modernistas. Em sua maioria ressaltavam os aspectos linguísticos e uma espécie de gramática arquitetônica, culminando em diversas análises e interpretações do espaço edificado. No entanto, eram textos que ressaltavam as características da cidade tradicional em detrimento da cidade moderna. Um dos livros que antagonizam tais configurações espaciais é *Collage City* (1978), de Collin Rowe e Fred Koetter, ao propor um método de análise do desenho urbano por meio do formalismo analítico que a figura-fundo possibilitaria. Suas análises revelam a necessidade de uma cidade de colisão de diferentes configurações espaciais por meio de colagem de fragmentos e utopias urbanas e sociais (MONTANER, 2007, p. 118).

Há um prenúncio de diagramas analíticos das formas urbanas, revelando-se dois tipos de estrutura de cidade: uma baseada no fundo, massa edificada dos elementos urbanos cuja legibilidade é horizontal por meio dos vazios ou reminiscência de uma ocupação densa – a cidade tradicional; e, por outro lado, a autonomia da figura, vislumbrando-se a leitura vertical por meio de arranha-céus, em que as funções se separam, com objetos dispersos e isolados – a cidade moderna, de ocupação rarefeita. Um método dialético de análise da cidade, em que entremeia as formas tradicionais e inovadoras do tecido urbano. As propostas de Rowe também se remetem a ideia de estrutura e organizações lógicas da cidade, distinguindo os elementos constituintes de uma cidade do tipo tradicional e de uma do tipo moderno, permitindo-lhe a construção de pares binários para leitura e descrição do tecido urbano.

A questão tipológica, segundo Ellin (1999), também foi recurso importante para legitimação da disciplina sendo revisitada pelos arquitetos que se aproximavam do discurso pós-estruturalista, influenciados por Jacques Derrida. Segundo a autora, a desconstrução do funcionalismo objetivava dissolver o caminho proposto pelos neorracionalistas e permitir que a leitura da cidade ocorresse de uma maneira aberta, sujeita às múltiplas interpretações.

A virada dos anos 1970, num período de eminente crise profissional, também foi um período fecundo para a produção editorial de livros e publicações em arquitetura e urbanismo. Em sua maioria, eram publicações independentes de instituições tradicionais, conformando novos discursos para a compreensão do próprio ambiente construído nos diversos campos disciplinares das ciências sociais.

No entanto, a crise de 1973 e as publicações seguintes levaram a um panorama de revisão e reorientação dos discursos das ciências sociais e humanas, refletindo também nas posturas da arquitetura e urbanismo. Ellin (1999) aponta que o período pós-industrial foi marcado pela transgressão aos paradigmas, às grandes narrativas, modelos preestabelecidos

e metáforas (como as da biologia). Essas questões foram substituídas pelas metáforas de *texto* e *cidade* para interpretação e descrição da cidade e da cultura contemporâneas. A escritura como recurso de interpretação da cultura buscava substituir, do ponto de vista filosófico, o cientismo do estruturalismo e possibilitar uma desestabilização da estrutura.

Ellin (1999, p. 281) descreve as relações entre cultura e cidade que se desenvolveram a partir das metáforas da cidade como texto ou como colagem. O movimento pós-estruturalista, entendido como crítica ao cientismo estruturalista (DOSSE, 2007), apoia-se na escritura como interpretações subjetivas ao invés de impor métodos, soluções definitivas ou análises rigorosas. A influência entre antropólogos e arquitetos reside nas reflexões de Jacques Derrida que buscou distanciar ou desvincular a cadeia de significados pelo par significante/significado. Assim como Barthes, buscava no desencadeamento de significantes, por meio de metáforas infinitas, resultando numa sobreposição, justaposição de experiências como mecanismos de transformação e configuração das cidades. Também, há um deslocamento dos agentes, em que o autor busca interagir com o leitor à medida que o texto mostra-se aberto. No caso da cidade, é por meio da colagem, destacada por Rowe (1973; 1978) que é possível compreender e atuar no espaço edificado. Coloca-se a necessidade de captar um texto pela sua intertextualidade: os apagamentos ou memórias ausentes.

Há uma aproximação com as discussões de Geertz (1994), reconhecido por abandonar os estudos estruturalistas em prol de uma *antropologia hermenêutica*: interpretar a cultura considerando-a como textos carregados de significados que podem ser reinterpretados. Desse modo, tendo a cidade como um recipiente cultural, é possível também interpretá-la por meio da escritura e possibilitar outras cadeias de significantes, elaborando-se interdiscursos. Entende-se que a interpretação é uma representação cultural e, portanto, contingências e possibilidades de contestação.

Insera-se no pós-estruturalismo, no campo da arquitetura e urbanismo, Rem Koolhaas e Bernard Tschumi, filiados aos pressupostos da investigação **escritura**, tendo por referência Michel Foucault e Jacques Derrida. A esta pesquisa interessa abordar o primeiro autor e de modo constituiu-se uma teoria da cultura arquitetônica contemporânea seu discurso.

## **6. CULTURA DA CONGESTÃO E ARRANHA-CÉUS: A CIDADE MODERNA EM REM KOOLHAAS**

O panorama dos anos 1950-70 trouxe à tona uma reflexão crítica e novas posturas teóricas, desdobrando-se em outros discursos nas décadas seguintes (1980-2000). Neste contexto, destaca-se a figura de Rem Koolhaas (RK) e suas publicações. Recém-formado nos anos 1970, RK demonstrava interesse em explorar, por meio de textos e publicações, suas

impressões acerca da cidade, tendo como referência Ludwig Heiberseimer<sup>4</sup>. Ao explorar temas arquitetônicos articulados com os fenômenos metropolitanos, RK potencializa um corte nas formações discursivas recorrentes no campo disciplinar, que tinha como principal enunciado o resgate da história – a visão retrospectiva que caracterizam os primeiros textos críticos às utopias proscritivas.

Ademais o período de graduação (1968-1972), em arquitetura e urbanismo na Architectural Association de Londres (AA) coincide com as revoltas estudantis contra o sistema. O ambiente acadêmico da AA favorecia a pesquisa entre estudantes e professores<sup>5</sup>. Os estudantes exploravam as texturas complexas da cidade e, mais tarde, ao se tornarem professores, buscavam estratégias provocativas em relação aos modelos urbanos existentes.

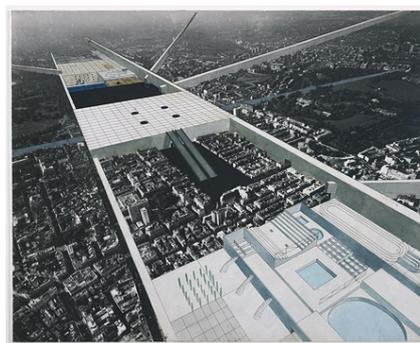
Como aluno de Elia Zenghelis, RK escreveu textos antecessores de *Delirious New York*, em 1972, já exaltando as características da cidade moderna: *Berlin Wall as Architecture* (1971), tornando-se importante referência para *Exodus, or The Voluntary Prisoners of Architecture* (1972), publicado na Revista *Casabella*. Outro importante ensaio que revelam as primeiras experimentações de RK foi *Learning from Manhattan* (1972-74). Entre as considerações destes artigos estão nos métodos de representação: a colagem e a utilização de diferentes contextos para expressar os elementos presentes na metrópole. Nos dois primeiros textos, RK ressalta o Muro de Berlim como importante elemento arquitetônico, reforçando as proposições do Superstudio e Archizoom e as investigações formais recorrentes da época (figuras 4 e 5).

**Figura 4: Muro de Berlim construído em 1961, demarca a divisão da cidade em duas partes. Um espaço residual e significativo da historia ocidental.**



Fonte: ROCCA, 2012.

**Figura 5: Proposta de Rem Koolhaas para Londres: inserção do Muro de Berlim e elementos da cidade modernista sobre o tecido tradicional. Vista Geral.**



Fonte: Gargiani 2008.

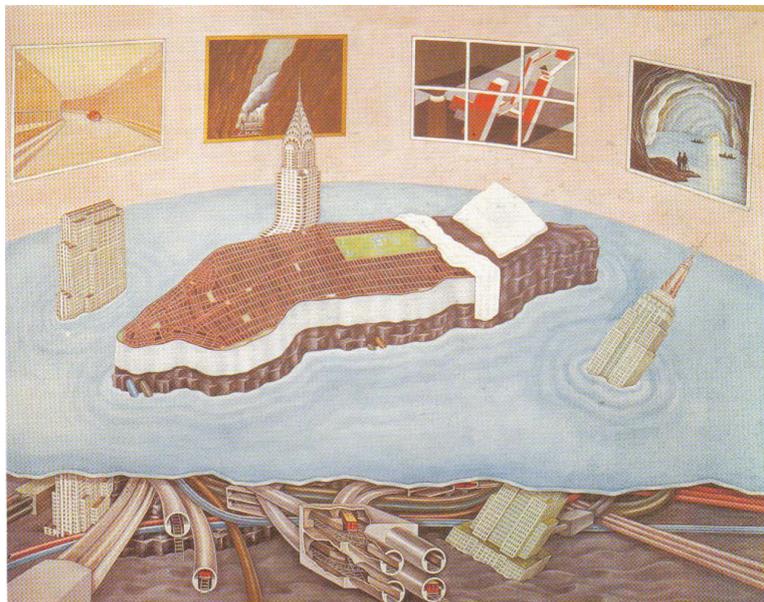
Em seguida, o terceiro texto evoca as qualidades da metrópole, já desenvolvido no IAUS, tendo em vista escritos anteriores acerca da cidade norte-americana. Um deles de Emilio Ambasz reiterava que a vida norte-americana denotava a uma outra noção de cidade. O

<sup>4</sup> Em entrevista a Colomina (2007) ao comentar sobre suas principais publicações, RK destaca a origem do termo *generic* a partir de Großstadtarchitektur, de Ludwig Hilberseimer (1927) em que aborda a cidade dos arranha-céus ao contrário do emprego de metrópoles.

<sup>5</sup> Sobre Architectural Association (AA) disponível em: <http://www.aaschool.ac.uk/AALIFE/LIBRARY/aahistory.php>, acesso em 21/02/2014.

interesse pela ilha de Manhattan se esboça na exposição do *International Institute of Design* de Londres, realizada em 1971 (GARGIANI, 2008). A conferência corroborou para que RK escrevesse *What do with Manhattan?* (1973), publicado na revista *Architectural Design*. Estes eventos, somados aos contatos com Colin Rowe e Oswald Mathias Ungers e à publicação de Robert Venturi, que introduzira as observações às cidades norte-americanas, contribuíram para que RK escrevesse seu primeiro e mais celebre livro: *Delirious New York: a Retroactive Manifesto for Manhattan*, em 1978, onde já prenunciava a transformação das cidades, dotadas pela artificialidade norte-americana e seu poder de destruição criativa. Ressalta-se nessa publicação a cultura da congestão e os aspectos da metrópole, como o arranha céu, uma leitura vertical e não horizontal do tecido urbano (figura 6).

Figura 6: Interpretação dos elementos existentes em Nova Iorque com destaque aos arranha-céus e infraestrutura urbana.



Fonte: Koolhaas, 1978.

Ao abordar a intercambialidade e articulação entre diversos fenômenos do qual a arquitetura e o urbanismo são parte integrantes, RK se aproxima do pensamento pós-estruturalista de maneira tal a observar como tais objetos, frutos de uma racionalidade e aparatos tecnológicos, conjugam e possibilitam a organização do território, à medida que a cidade se torna cada vez mais complexa e imensurável ao propagar-se num *continuum espacial*. De certo modo, há uma busca por desvelar as estruturas complexas – no caso, a cidade e as diversas escalas que corroboram para sua estruturação material e imaterial: uma rede de fenômenos na qual se insere a vida cotidiana por meio de novos termos ainda não cristalizados pelos discursos disciplinares.

Entende-se que *Delirious de New York* estabelece efeitos metafóricos ao revisitar as regularidades discursivas dos CIAM's: entre a cidade real e a cidade utópica e, por outro lado, recorre ao termo **tipo** como regularidade que o aproxima dos autores do período de

revisão e crítica ao Movimento Moderno, tais como Colin Rowe, Oswald Mathias Ungers, Aldo Rossi, Christopher Alexander e Robert Venturi. E, por fim, as interlocuções sincrônicas que contemplam a formação discursiva desde início dos anos 1990, em que transformações econômicas e técnico-informacionais aproximam autores de distintos campos de saberes e de posturas ideológicas distintas, e envolvem o intradiscurso.

A revolução informacional e os arranjos econômicos do capitalismo tardio vislumbram novos conceitos e abordagens referentes à ocupação urbana e territorial, especialmente voltadas para as cidades que concentram os fenômenos acima citados. Sob esse aspecto, são denominadas por metrópoles, megalópoles, cidades mundiais ou cidades globais e, ainda, cidade genérica (figura 7).

Figura 7: Os vestígios da cidade genérica: artificialidade.



Fonte: Koolhaas, 1995.

O termo cidade genérica (*generic city*) foi definido por RK, ao elaborar uma espécie de catálogo da produção do seu escritório *Office Metropolitan Architecture* (OMA), selecionando os projetos a partir da escala de inserção no território, sendo seu segundo livro de grande impacto: *S, M, L, XL* (1995). Assim como no livro anterior, considera as interferências da revolução tecnológica juntamente com a explosão das cidades, seja pelo seu tamanho ou pela capacidade de concentrar pessoas, dotando a arquitetura de dimensões e elementos midiáticos na transformação do território. Muito mais do que pensar na dispersão e a concentração espacial, Koolhaas apresenta sua leitura crítica de como a arquitetura se insere no contexto atual, apontando novos conceitos e terminologias para se pensar a cidade, como *junkspace*<sup>6</sup>, este definido como a arquitetura da cidade genérica. Termo que ressalta a cultura consumista da sociedade técnico-informacional e os artifícios de organização espacial pela

<sup>6</sup> Texto publicado em 2001, em suas pesquisas na Universidade de Harvard Project on the City, volume 1.

lógica do *shopping center*, reforçando o caráter genérico de alguns elementos metropolitanos, como o aeroporto e a aniquilação dos centros históricos mediante a expansão e adensamento da cidade. Uma rede de ideias que vão entrelaçando os textos publicados entre 1972 e 2007.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao invés de apagar as modernizações, RK as ressalta e as desloca para o campo da “desordem”, trazendo para o centro as áreas de concentração (de atividades, de pessoas, de infra-estrutura) – uma desestabilização da longa tradição histórica. Outro apagamento possível corresponde ao fracasso da utopia moderna, visando orientar-se pelas dinâmicas do presente. Como já dito, a cidade, além de expressar aspectos econômicos e funcionalistas moldados pelo capitalismo industrial, abarca na mesma medida as dimensões culturais e estéticas da sociedade de consumo. Reconhece-se a complexidade da vida urbana contemporânea e sua materialização no território, que se acentua nos anos 1990 a partir de outros modos de urbanização *fora do mundo ocidental*.

A partir destas considerações, é possível perceber as investigações dos estudos urbanos dos últimos 40 anos. Estudos que se deslocaram das matrizes de pensamento institucionalizadas em favor de outras abordagens que pudessem estabelecer diálogos entre diferentes campos de conhecimento. Buscava-se uma amplitude das leituras, análises, descrições e representações da cidade: de um lado, a ênfase aos aspectos recorrentes de produção do espaço; por outro, a análise das estruturas organizativas – a dimensão física historicamente construída.

Em ambas as discussões havia a percepção de que a cidade traduziria um movimento contínuo de construção histórica, ao contrário da visão de um espaço estável e imutável ou vinculado ao determinismo histórico e ao progresso científico. Pode-se dizer que a dimensão temporal é, pouco a pouco, inserida de modo mais conciso na percepção das relações entre ambiente e sociedade, ou ainda, a inter-relação entre diferentes campos disciplinares, principalmente a partir das abordagens pós-estruturalistas ou daquelas que passaram a considerar a historicidade dos fatos.

Ao explorar temas arquitetônicos articulados aos aspectos metropolitanos, RK potencializa um corte nas formações discursivas da arquitetura e do urbanismo. Desde os últimos CIAM's (1947 a 1959), a importância dada ao espaço edificado era constante e tinha como principal enunciado a recuperação da história numa visão retrospectiva que caracteriza os primeiros textos críticos às utopias modernas.

## REFERÊNCIAS:

- CASTELLS, Manuel. 1999. *A sociedade em rede*. A era da informação: economia, sociedade e cultura. Editora Paz e Terra: São Paulo. v. 1.
- CHOAY, Françoise. *O urbanismo*. (1965). 5ed. São Paulo: Perspectiva, 2002. coleção estudos.
- GARGIANI, Roberto. *Rem Koolhaas/OMA: The Construction of Marveilles*. EPLF Press: 2008.
- HARVEY, David. *A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. Edições Loyola: São Paulo, 1992.
- KOOLHAAS, Rem; MAU, Bruce. 1995. *S, M, L, XL*. Nova York: Monacelli Press.
- KOOLHAAS, Rem. *Delirious New York*. Monacelli Press: Nova York, 1978.
- \_\_\_\_\_. Bigness or the problem of the large. In: KOOLHAAS, Rem; MAU, Bruce. 1995. *S, M, L, XL*. Nova York: Monacelli Press.
- \_\_\_\_\_. The generic city. In: KOOLHAAS, Rem; MAU, Bruce. 1995. *S, M, L, XL*. Nova York: Monacelli Press.
- \_\_\_\_\_. The global city: introducing a concept and its history. In: KOOLHAAS, Rem [et. al.]. 2001. *Mutations*. Actar: Barcelona. p. 104-115.
- MALLGRAVE, Harry Francis; GOODMAN, David. *An introduction to architectural theory: 1968 to the present*. Wiley-Blackwell: Chichester, 2011.
- MONTANER, Josep Maria. *Arquitectura y crítica*. Editorial Gustavo Gili: Barcelona, 2007.
- MUMFORD, Eric. *The CIAM Discourse on Urbanism, 1928-1960*. London, MIT Press, 2002.
- MUÑOZ, Francesc. 2008. *Urbanización: paisajes comunes, lugares globales*. Barcelona: Gustavo Gili.
- ROSSI, Aldo. *Arquitectura da cidade (1966)*. Editora Martins Fontes: São Paulo, 1996.
- ROWE, Colin; KOETTER, Fred. *Collage City*. Cambridge: MIT Press, 1978.
- RYKWET, Joseph. *A sedução do lugar: a história e o futuro da cidade*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2004.
- SASSEN, Saskia. *As cidades na economia mundial*. Studio Nobel: São Paulo, 1998.
- SECCHI, Bernardo. *A cidade do século XX*. Tradução de Marisa Barda. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Primeira lição de urbanismo*. Tradução de Marisa Barda e Pedro M. R. Sales. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- SOJA, Edward W. *Postmetrópolis*. Estudios críticos sobre las ciudades y las regiones. Traficantes del sueños: Madri, 2008.
- SOLÀ-MORALES, Ignasi. *Diferencias: topografía de la arquitectura contemporánea*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Territórios*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Eclético y Vanguardia y otros escritos*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2004.